

As laranjas da Marqueza

(Continuação)

III

DIPLOMACIA E AMOR

O Sr. de Menneval era um gentil-homem que em nada desmerecia do seu rival, o Sr. de Beaugency.

Tinha o cabelo louro, mas d'esse louro do norte um louro como o dos cabellos dos seraphins, com que os pintores os retratam. Tinha os olhos azues, a testa larga, os labios tristes e a attitudo nobre e distincta, que tão bem assentava aos trovadores da velha corte de França.

Ignoramos ao certo se o Sr. de Menneval alguma vez na sua vida faria versos, mas o que é certo é que prezava muito os poetas e prosadores.

Apreciava as artes, a tranquillidade e poesia dos campos, admirava sobre maneira o sol no poente, a aurora cor de rosa d'uma manhã de primavera, o sussurrar da briza na folhagem dos bosques, a harmonia suave e mysteriosa da harpa do trovador a resoar á noite no convez da leve barquinha que desliza ligeiramente na superficie das aguas prateadas do Loire, e finalmente todos esses pequenos nadas que tão bem se harmonizam com o melodioso concerto do coração a que se dá o nome de amor e poesia.

O Sr. de Menneval era d'uma timidez excessiva e ás vezes ridicula, amava, porém, a interessante viuva e o sonho mais dourado da sua vida era o levar a vida inteira a seu lado, em completo isolamento, longe d'essas testemunhas aborrecidas e invejosas, que têm sempre pendente dos labios o sarcasmo para anuviar a felicidade, que sorri para os outros, e que elles no seu incomensuravel egoismo não podem de maneira alguma apreciar, ou sequer comprehender; que se contentam quasi sempre em contemplar a dissimulando a inveja que lhes corroe o coração, tornado árido pela philosophia do sceptismo. Tremia todas as vezes que entrava em casa da marqueza.

N'esta occasião, conservou-se de pé na sua presença estremecendo e córando ao mesmo tempo que lhe beijava a mão: depois mais animado por um sorriso que ella lhe dispensou, mais ousado pela solemnidade da conferencia que ia verihçar-se, fallou-lhe do seu amor com aquella ingenuidade proverbialmente poetica, com aquelle enthusiasmo real do ministro do omnipotente, que crê no culto do infinito e na religião evangelica do Golgotha.

Emquanto o cavalheiro fallava, a marqueza sorria-se, dizendo consigo:

—E' justo; a felicidade, se é que devéras existe na terra, está no amor, n'esse sentimento quasi divinal, que consiste na união terrena de duas almas, que se refundem em uma só, não tendo entre si, como importante e insupportavel a indiferença, a inveja ironica e zombeteira d'esse mundo, que só merece o

que consiste na união terrena de duas almas, que se refundem em uma só, não tendo entre si, como im-

Entretanto lembrou-se, a proposito do que Luiz XV lhe havia aconselhado, e interrogou assim o barão:

—O que faria, Sr. de Menneval, para me provar esse amor, de que tanto alardeia?

—Todo e qualquer sacrificio que seja dado ao homem fazer, e que eu executaria no momento em que m'o ordenasse.

Com esta resposta provou á marqueza o barão de Menneval, que, com quanto fosse mais amoroso, era em compensação muito menos ousado que o marquez de Beaugency, visto ter aquelle fallado em conquistar um throno, se preciso fosse.

Ora o que o Sr. de Menneval provou até á evidencia é que era mais sincero.

—Sou muito ambiciosa, redarguiu a marqueza.

—Devéras! marqueza, murmurou com desalento o Sr. de Menneval.

—E quero que o homem que me esposar seja ainda mais ambicioso do que eu mesma, que a tudo aspire e que tudo obtenha.

—Tental-o-hei se o dejejar, senhora marqueza.

—Escute-me com muita attenção:

—Como, sabe, sou afilhada de sua magestade, que sempre se mostrou para mim muito benévolo; ora eu fiada n'essa benevolencia pedi-lhe uma embaixada para o senhor; e portanto concedo-lhe apenas uma hora para reflectir sobre o que acabo de lhe dizer. Uma hora, ouviu?

Continúa.

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Recetado ha 30 annos
CONTRA AS AFFECTOES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
PARIZ, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
é curada com o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do Dr. SOULIGOUX
Laxante certo, agradável ao paladar, fácil de se tomar.
O vidro da cerca de 25 doses: 2 fr. 50
PARIZ, AVENUE VICTORIA, 6. NAS PHARMACIAS.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella a encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que fiquem brancos.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanêe-os e branqueie-os com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NINON DE LENGLOS

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais contara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 à PARIS.**

Esta casa tem-nó á disposição das nossas elegantes, sol o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa pertitamente a epiderme mais delicada sem aterral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDERE CAPILLAIRE
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;
LA PATE ET LA POUDERE MANODERMALE DE NINON
lara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleireiros de França e do estrangeiro

VELOUTINE

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial PREPARADO COM BISMUTHO por

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

XAROPE DE FLON

O mais antigo e mais excellente Xarope lenitivo peitoral.
Soberano contra

DEFLUXOS BRONCHITES INFLUENZA CATARRHOS

Acalma e detem com rapidez a **TOSSE** e qualquer Irritação da Garganta.

Acha-se em todas as Pharmacias.

Espartilhos DA CASA DE VERTUS SŒURS
PARIZ

A afamada casa DE VERTUS SŒURS acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.

MARCA REGISTRADA

Longe

Noite. As estrellas no céu radiantes
palpebram rindo...

Branqueja o luar.

Ouço cantigas ternas de amantes
que bailam todos insinuantes...

Só eu n'um infundo
pezar!

Por entre os lyrios soeitra a aragem
cansão maviosa,
cansão de amor...

Só eu derramo triste linguagem,
curvado á grande, á serena imagem,
á imagem radiosa
da Dor!

E' que estás longe de mim querida!

Sem ti não posso

viver: sou qual

monge que vive sem ter a vida,
tremula barca no mar perdida...

Bemdito o nosso
ideal!

AMALIA PEITIGUARY

O presente de annos

Um accio! O chão lavado, a folha da cozinha
polida, a poeira fugindo dos moveis, os vidros pas-
sados por agua... Pobresinha a mansarda, mas tão
sorridente n'aquelle dia!... Pobreza assim felicidade e
alegra

Adelia fazia annos.

Quinze.

A edade sonhadora dos anjo's, feita poema, de
maior. Flôr em botão, viçosa e perfumada, com petal-
las macias de velludo e brancas, como os armi-
nhos.

Era bonina Adelia. Um sorriso de meiguice e in-

nocencia os labios d' ella; um azul de pureza ceeste,
os olhos ternamente acariciadores.

A grossa trança de côr castanha, beijando o mar-
fim da nuca, parecia traduzir a modestia da gentil
rapariga, graciosamente esbelta, em toda a desen-
volvura do seu porte elegante e distincto.

*

O pae mourajava; um empregado de um escripto-
rio com um cruzado diario. Mãe e filha costuravam
para fóra. Protecção recebiam'na, apenas, de uma
senhora viuva e seu filho que viviam remediadamente
no primeiro andar e que estimavam com dedicação a
costureirinha da mansarda.

Na meninice, Adelia, dir-se-hia mesmo um cheru-
bi. A senhora do andar de baixo encantára-se com
a formosura da criança. Seu filho, Alberto um pe-
queno moreno e ympathico — de sete annos então
— morria pela *bébé*.

— Mamã, mande a buscar lá acina; supplicava elle
repetidamente.

Um dia fallou-se no baptisado da pequenita.

Allerto acudiu logo:

— Gostava de ser padrinho, eu. Deixa sim, mamã?

— E como queres que ella se chame?

— Adelia, o nome de minha mamã.

A pequenita baptisou-se de Adelia e Alberto foi o
padrinho.

*

Dia de annos.

Havia jantar de familia. Os convidados compu-
nham-se de parentes, alguns amigos da casa e o
padrinho.

Alberto contava vinte e dois annos. Alto, magro,
mais airoso de figura. Sempre risonho e de modos
ingenuos, insinuava a sua palestra singela. Con-
tinuavam os seus olhos escuros e vivos; na sua frente in-
telligente brincavam ondulantes cabellos negros.
Imprimia certo geito de graça ao pallido rosto, o tor-
cido do fino bigod: preto.

Todos os annos Alberto mandava doze mil réis á
sua afilhada. Eram para um vestido.

Os presentes de familia resumiam-se igualmente
em dinheiro. Cinco tostões para umas lavas, dez
tostões para um casaco, isto para meias, aquill'outro
para uma saia.

Mas ninguem lhe dizia:

— Aqui tens um arco para correr, uma corda para
saltos, uma péla para atirar.

Ninguem tivera ainda a lembrança, de lhe dar um
brinquedo, uma galanteria qualquer.

Entretanto, Adeliassiti nunca pensara em pélas,
cordas e arcos. O mais dourado sonho da sua infancia
fôra constantemente uma boneca. Possuir uma bo-
neca representava todo o seu ideal. Ella bem vira,
na alameda de S. Pedro de Alcantara, as outras me-
ninhas com *bébés* ao collo, saltitantes de alegria como
as avesitas nas franças das arvores...

Uma boneca, como as mais meninas? Não seriam,

porventura, todas filhas de Deus? Sim, mas as outras
linham papás ricos, que podiam comprar bonecas de
olhos azues, com cabellos muito loiros e encaracolla-
dos, vestidas de seda e pelucia. Ella não.

Deixal-o!

E calava a sua dôr, sem dar a perceber o seu
desgosto. Apenas a mãe adinhara o justo desejo da
pequena. Mas... Ficaria para quando houvesse uma
aragem de fortuna.

*

Agora estava uma senhora, pensava Adelia. E
senhora, accitaria dinheiro, como quando era
criança? Dinheiro! De mãos amigas, sabia-o perfei-
tamente, mais sempre a idéa d'esse vil metal.

De si para si perguntou:

— E' o padrinho? Virá jantar connosco!

Batendo as palmas de contente:

— Vem, vem. Oh! que felicidade!

Depois, com um modo sombrio, como a nuvem
que escurece a luz de um céu de primavera,
scismou:

— O seu presente de annos será dinheiro! Os doze
mil réis do costume!... Para um vestido! Dinheiro,
elle!

E córou, acudindo-lhe ao pensamento este nome.

— Alberto!

*

O costume.

— Ah! tens, segredava-lhe um tio, ah! tens para
umas botinas.

Dinheiro.

A pequena agradecia, sorrindo tristemente.

— Toma lá, para comprares um chapéu á moda;
gritou da porta o patrão de seu pae.

Mais dinheiro.

E a pequena agradecia, sorrindo tristemente.

Assim, cada um offerencia o seu obulo, como se a
festa, em vez de ser de annos, fosse antes de cari-
dade. Uma subscrição a favor de uma pobre.

Dinheiro, dinheiro e dinheiro!

E a ingenua creança, linda como o desabrochar de
uma rosa, agradecia a todos sorrindo, sempre triste-
mente!

Faltava só o padrinho, a ultima humilhação á
pureza da alma desinteressada. Com tudo, sem saber
porque, a pequena esperava-o impaciente e sentiu
apertar-lhe o coração ao escutar os passos de Al-
berto.

— E' elle!

Era com effeito, elle que murmurou-lhe ao ouvido,
n'um tom grave e apaixonado:

— Adelia, aqui tem o seu presente de annos.

Adelia estremeceu. Ficou por algum tempo em um
extasse ineffavel. Depois puxou carinhosamente
Alberto e agradeceu, não com um sorriso de tristeza,
mas com lagrimas de alegria!

Pela primeira vez alguém a brindava com alguma
coisa, sem ser dinheiro.



CAÇADA DE AVESTRUZES



PARQUE DE AVESTRUZES

De subito, correu para junto de sua mãe, com o
brinde, avaramente fechado no avental.

A mãe, de ordinario pezarosa de não poder satis-
fazer o sonho de sua filha, exclamou exultante:

—E' uma boneca!

A pequena, muito vermelha e um quasi contra-
riada, advertiu:

—Eu já sou uma senhora!

—Então, se não é uma boneca, o que te deu o Sr.
Alberto? interrompeu com curiosidade a mãe.

—Olhe, mamã, disse Adelia commovida abrindo o
avental, olhe!

.....
Eram flôres!

RANGEL DE LIMA JUNIOR

Santo Antão

Chamavam-lhe Santo Antão por elle se chamar
Santo Antão e talvez tambem por ser folgazão, alegre, far-
cista, comendo bem e bebendo melhor, e investindo
valentemente nas mezas, apesar de ter mais de
sessenta annos.

Era um aldeão do paiz do Caux, alto e côrado, de
peito largo e ventre proeminente, e empoleirado
em umas pernas compridas, que pareciam excessiva-
mente magras para a largura do corpo.

Era viuvo e vivia só, com a governante e dois
criados, na herdade que dirigia manhosamente, cui-
dando os seus interesses, entendido nos negocios, na
criação do gado e na cultura das terras. Dois filhos e
tres filhas que tinha, todos vantajosamente casados,
viviam nos arredores e iam jantar com o pae uma
vez por mez. O seu vigor era celebre em todas as
proximidades da aldeia; dizia-se á maneira de pro-
verbio: «E' forte como o Santo Antão».

Quando chegou a invasão prussiana, o Santo Antão,
na taberna, promettia devorar um exercito, porque
era gabarola como um verdadeiro normando, um
pouquinho cobarde e fanfarrão. Batia com o punho
deitado em cima da mesa, que tremia, fazendo dan-
çar as chicaras e os copos, e gritava, de faces verme-
lhas e olhos maliciosos, com fingida colera de be-
berrão jovial: «Hei de fartar-me d'elles, com a brecal!»
Estava convencido de que os prussianos nunca che-
gariam a Panneville; mas, quando soube que estavam
em Rautôt, não tornou a sahir de casa, e espreitava
constantemente para a estrada, pela janella da co-
zinha, esperando a cada momento vêr passar bayo-
netas.

Uma manhã, quando elle e os criados estavam com-
mendo a sopa, abriu-se a porta, e o *maire* da com-
muna, mestre Chicot, entrou, seguido por um soldado
de capacete preto com ponta de cobre. O Santo Antão
ergueu-se de um salto; e todos o fitavam, esperando
vê-lo atirar-se ao prussiano, elle, porém, conten-
dou-se em apertar a mão ao *maire*, que lhe disse:

«—Aqui está um para ti, Santo Antão. Vieram esta
noite. Agora, vê lá, nada de fazer asneiras, porque
elles fallam em fuzilar e queimar tudo á minima
coisa que succeda. Já estás prevenido. Dá-lhe de
comer, elle tem ares de bom rapaz. Bem, adeus, vou
à casa dos outros. Ha para todos. E sahiu.

O Santo Antão, que se fizera pallido, examinou o
prussiano. Era um rapaz grosso, de carne gorda e
branca, olhos azues, louro, cabelludo e barbado até
aos olhos, parecendo idiota, tímido e condescendente.
O normando manhoso adivinhou-o logo e, mais tran-

quillo, disse-lhe com um gesto, que se sentasse. Em
seguida perguntou-lhe: «Quer sopa?» O estrangeiro
não percebeu. O Santo Antão teve um rasgo de
audacia, e, mettendo-lhe um prato cheio debaixo do
nariz:

«—Ahi tens, come isso, grande porco.»

O soldado respondeu «Ya» e poz-se a comer com
glotoneria, enquanto o lavrador, triumphante, sen-
tindo a sua reputação reconquistada, piscava os
olhos aos criados, que faziam caretas extraordinarias,
sentindo um grande susto e grande vontade de rir,
e o mesmo tempo.

Logo que o prussiano devorou a pratada de sopa, o
Santo Antão, deitou-lhe outra que elle enguliu da
mesma maneira; recuou, porém, á vista de terceira
que o rendeiro queria obrigar-o a comer, repetindo:
«Vamos, mette isto para a barriga. Has de
engordar, verás, meu grande porco!»

E o soldado, percebendo unicamente que
o queriam faltar de comida, ria com ar con-
tente, indicando, com gestos, que estava satis-
feito.

Então o Santo Antão, completamente
familiarisado, bateu-lhe no ventre, exclamando:
«—Tem o bandulho bem cheio, o
meu porco!» Mas, de repente torceu-se
todo, vermelho como se fosse cahir com um
ataque, sem poder fallar. Occorrera-lhe
uma idea que o suffocava de riso: «E' isso,
é isso, Santo Antão e o porco. Aqui está o
meu porco.» E os tres criados desataram
ambem a rir.

O velho estava tão contente que man-
dou buscar aguardente, da melhor, e todos
beberam. Tocaram no copo do prussiano,
que deu um estalo com a lingua, por ama-
bilidade, para indicar que a achava fa-
mosa. E o Santo Antão gritava-lhe ao pé
da cara: «Hein? Isto é que é fino. D'isto
não bebes tu na tua terra, meu porco.»

Desde esse dia, o Santo Antão nunca
sahiu sem levar o seu prussiano. Achara
alli a sua vingança de manhoso. E a gente
da aldeia, que estava cheia de medo, ria a
bandeiras despregadas, ás escondidas dos
vencedores, por causa da partida do Santo
Antão. Na verdade, não havia quem o
igualasse nas brincadeiras. Só elle era ca-
paz de inventar d'aquellas cousas. Que
grande magano!

Na casa dos visinhos, todas as tardes,
de braço dado com o seu allemão, que apre-
sentava com ar alegre, batendo-lhe no hom-
bro: «—Olha, aqui tens o meu porco, vê
lá como isto engorda, este animal.»

E os aldeãos começavam a rir — «Semper
éum farcista, este diabo do Antão!»

—Vendo-t'o por tres libras, Cesario.

—Está dito; e eu convido-te para comer
as murcellas.

—Eu cá antes queto os pés.

—Apalpa-lhe a barriga, verás que não
tem senao ordura.»

E todos piscavam os olhos, sem se rirem
muito alto, com medo que o prussiano,
afinal, adivinhasse que se riam d'elle. O
Antão, porém, animando-se cada vez mais,
beliscava-lhe as coxas, gritando: «E' só gor-
dura;» batia-lhe nas costas, berrando:
«Tudo isto é toucinho;» levantava-o no ar
com os seus braços de velho colosso capaz
de pegar n'uma bigorna, declarando: «Pesa
seiscentos, para mais e não para me-
nos.»

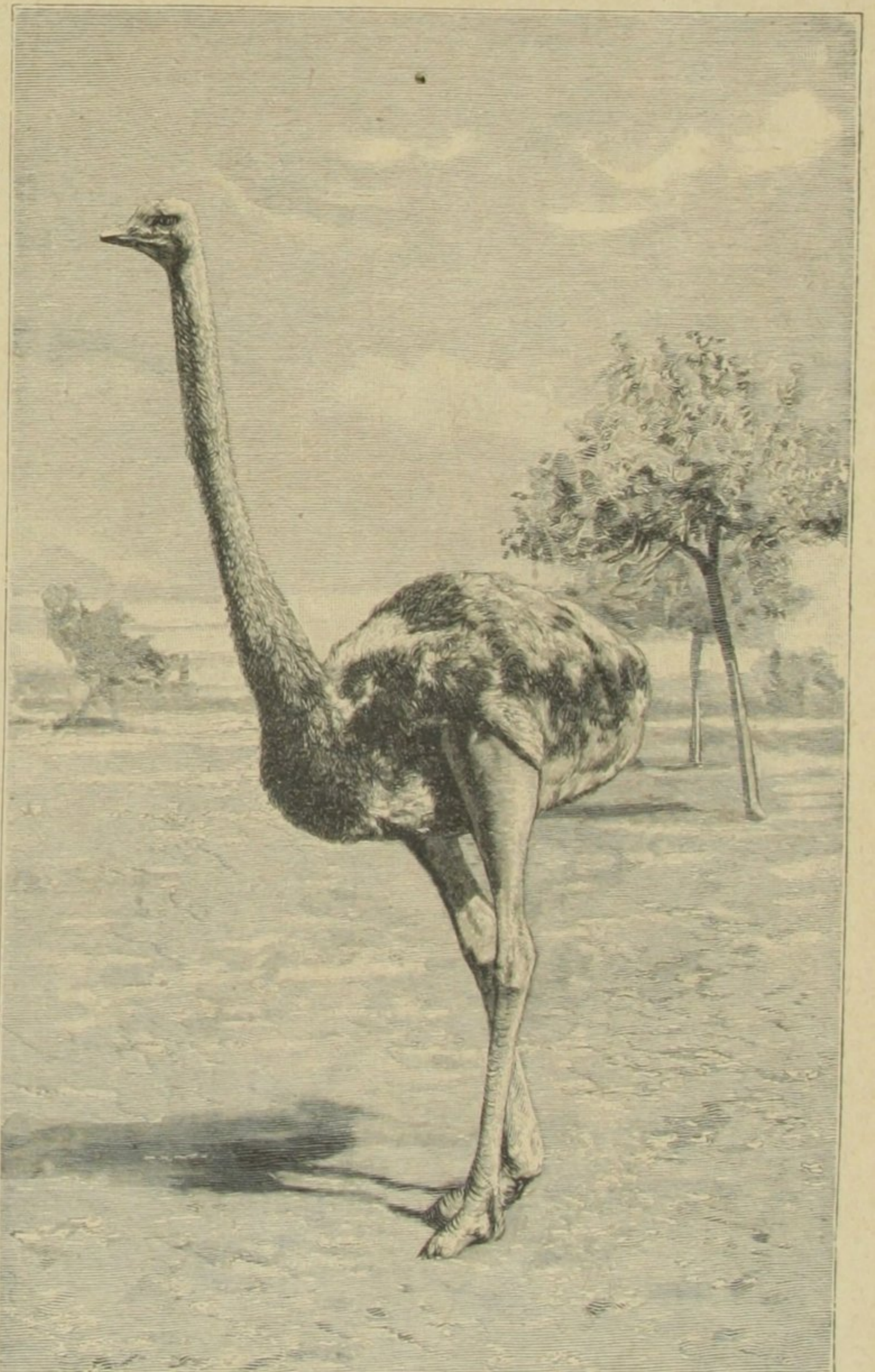
Costumara-se a mandar offerecer comida

ao seu porco em toda a parte onde entrava com elle.
Era o grande prazer de todos os dias: «—Dêem-lhe
o que quizerem, elle engole tudo.» E offereciam-lhe
pão e manteiga, batatas, carne fria, chouriço, o qual
obrigava sempre a dizer:

«—E' do teu, e do melhor.

O soldado, docil e estúpido, comia por delicadeza,
encantado com aquellas attenções, adoecia para não
recusar; e engordava, realmente; o uniforme come-
çava a estar-lhe apertado, o que encantava o Santo
Antão e o fazia repetir: «—Já sabes, meu porco, que
tens de mandar fazer outra gaiola.»

De resto, eram os melhores amigos d'este mundo;
e, quando o velho ia aos arredores a tratar dos seus
negocios, o prussiano acompanhava-o por sua livre
vontade, só pelo gosto de estar com elle.



AVESTRUZ DEPENNADO

O tempo estava rigoroso; cahia muita neve; o terrível inverno de 1870 parecia acabrunhar a França com todos os flagellos reunidos.

O Santo Antão, que preparava as cousas de longe, e aproveitava as occasiões, prevendo que teria falta de estreme para os trabalhos da primavera, comprou o de um vizinho que precisava de dinheiro; e combinou-se que iria todas as noites, com o seu carro, buscar uma porção de adubo.

Punha-se, portanto, a caminho todos os dias, ao anoitecer, em direcção á herdade dos *Alamos*, distante d'alli meia legua, sempre acompanhado com o seu porco. E era sempre uma festa dar de comer ao animal. Toda a gente da aldeia ia alli como se vae á missa cantada ao domingo.

O soldado, entretanto, começava a desconfiar; e, quando elles se riam mais alto, dirigia-lhes olhares inquietos, illuminados, ás vezes, por uma chamma de colera.

Ora, uma noite, depois de ter comido á farta, recusou tudo o que lhe offereceram: e tentou levantar-se para se ir embora. Mas o Santo Antão deteve-o, segurando-o por um braço, e, assentando-lhe as mãos nos ombros, fel-o sentar tão rudemente, que a cadeira esmigalhou-se debaixo do homem.

Foi uma explosão de gargalhadas; e o Antão, radiante, correu a levantar o seu porco, tingiu que lhe fazia curativo; depois declarou: «Já que não queres comer, has de beber, com mil diabos!» E foram buscar aguardente á taberna.

O soldado volvia olhares irritados em torno d'elle: mas bebeu, bebeu quanto quizeram: e o Santo Antão acompanhava-o, com grande alegria dos assistentes.

O normando, vermelho como um tomate, de olhos chamejantes, enchia os copos, tocava com o seu nos outros, berrando: «á tua!» E o prussiano, sem preferir uma palavra, despejava copiosos de *cognac* uns traz dos outros.

Era uma lucta, uma batalha, uma vingança! Era a quem beberia mais, com a fortuna! Nenhum delles podia já comsigo quando se acabou o litro. Mas nenhum estava vencido. Iam a par um do outro, simplesmente. Tinham que recommençar no dia seguinte!

Sahiram titubeando e puzeram-se a caminho, ao lado do carro de estreme puxado vagarosamente por dous cavallos.

A neve começava a cair, e a noite sem luar era tristemente illuminada por aquella brancura morta das planicies. O frio apoderou-se dos dous homens, augmentando-lhes a embriaguez, e o Santo Antão, descontente por não ter ficado vencedor, divertia-se empurrando com o hombro o seu porco afim de o obrigar a cahir no fosso. O outro evitava os ataques por meio de retiradas; e proferia, cada vez, algumas palavras allemãs, em tom irritado, o que fazia rir o camponio a bandeiras despregadas.

O prussiano, afinal, zangou-se; e, no momento em que o Antão lhe arrumou novo encontrão, respondeu-lhe com um murro terrível que fez baquear o colosso.

Então, excitado pela aguardente, o velho agarrou o soldado pela cintura, sacudiu-o durante alguns segundos como faria a uma criança, e atirou-o com toda a força para o outro lado da estrada. Em seguida, satisfeito com aquella execução, cruzou os braços e poz-se outra vez a rir.

Mas o soldado ergueu-se com ligeireza, de cabeça nua, porque o capacete rebolara-lhe para o chão, e, desembainhando o sabre correu para o Santo Antão.

O aldeão, quando viu isto, agarrou no chicote pelo meio, um grande chicote de azevinho, forte, direito e flexivel.

O prussiano atirou-se a elle, de cabeça baixa, empunhando a arma, e certo de que ia mata-lo. Mas o velho, agarrando na lamina que ia abrir-lhe o ventre, desviou-a, e com o cabo do chicote, de uma pancada secca na frente do inimigo, que lhe cahiu redondamente aos pés.

Em seguida, aturdido, cheio de pismo estúpido, olhou para o corpo, agitado, primeiro, por convulsões e depois ficando de bruços, immovel. Curvou-se, virou-o, contemplou-o durante algum tempo. O homem tinha os olhos fechados; e um fio de sangue corria de uma ferida ao canto da testa. Apesar da escuridão, o Antão distinguia a mancha escura d'aquella sangue em cima da neve.

E deixava-se estar, com a cabeça perdida, emquanto o carro do estreme ia andando sempre, ao passo vagaroso dos cavallos.

O que havia de fazer? Ia ser fuzilado? Queimar-lhe-iam a herdade, arruinariam a aldeia! O que faria?

DELETTREZ
EM PARIS
INVENTOR DA NOVA
PERFUMARIA
extra-fina
DE
AMARYLLIS
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Pó de Arroz. . . . de **AMARYLLIS DU JAPON**
Essencia. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Agua de Toucador. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Vinagre de Toucador de **AMARYLLIS DU JAPON**
Oleo para os Cabellos de **AMARYLLIS DU JAPON**
Brilhantina. de **AMARYLLIS DU JAPON**

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

T. JONES
Fabricante
de Perfumaria Inglesa extra-fina

VICTORIA ESSENCIA
O mais delicioso perfume do Mundo.
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

FLUIDE IATIF
Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Alivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Ba-ta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos heijos.

LA JUVENILE
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel
Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.
Preparado especialmente para ser empregado com o fluido Iatif.

LAIT IATIF, chamado LILY WASH
para embellezar a tez.
Este leite de cor branca, cor de rosa ou cor Rachel é o alvo de pesquizas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor receio, no rosto, nos braços e nas espaldas.

CREAM IATIF
Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

AGUA DE TOUCADOR JONES
Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

ELIXIR E PASTA SAMOHTI
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.
23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS
Depositos em todas as principais Perfumarias.

L. T. FIVER em PARIS
IMPORTADOR DA
Nova PERFUMARIA Extra-fina

CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABÃO ao CORYLOPSIS do JAPÃO + pó de arroz. ao CORYLOPSIS do JAPÃO
EXTRACTO ao CORYLOPSIS do JAPÃO BRILHANTINA. ao CORYLOPSIS do JAPÃO
ACQUA TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO OLEO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
LOTION ao CORYLOPSIS do JAPÃO FONADA ao CORYLOPSIS do JAPÃO

Contra a **ANEMIA**, a **FRAQUEZA**
o **RACHITISMO**, as **ESCROFULAS**
o **RHEUMATISMO**, a **TISICA** etc.
SUBSTITUA-SE O OLEO DE FIGADO DE BACALHAO PELO

VINHO VIVIEN

de **EXTRACTO de FIGADO de BACALHAO**
Esta deliciosa preparação, eminentemente tonica, e tão agradável ao paladar que as crianças chegam a tomal-a até por gosto. — Uma colher, das de sopa, de **VINHO VIVIEN**, equivale a duas colheres de sopa de oleo de figado de bacalhão.

A VENDA EM TODAS PHARMACIAS
PARIS: 126, Rue Lafayette, 126

TONICO * FEBRIFUGO * REGENERADOR

VINHO do JOHANNO
DOUTOR

COM
QUINA — COCA-EXTRACTO de CARNE
HYPOPHOSPHITOS

Energico reconstituente recommendado nos casos da **POBREZA de SANGUE**, — **CHLOROSIS**, — **LYMPHATISMO**, — **FEBRES PERNICIOSAS**, e principalmente ás Senhoras nos casos de **FLUXO BRANCO**, — **MENSTRUACAO IRREGULAR**, etc.

A venda em todas Pharmacias, **PARIS: r. Lafayette, 126**

HOUBIGANT
PERFUMISTA

da **RAINHA de INGLATERRA** e da **CORTE da RUSSIA**

— **PARIS** —

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.
AGUA de COLONIA Imperial Russa.

EXTRACTOS PARA O LENÇO: Violetta San Remo, Lilaz branco, Heliotropio branco, Peau d'Espagne, Moskari, Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis, Gloxinia, Edenias, Sophora, Aromia, Violetta russe, Trelvo, Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosa.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.

PÓS OPHELIA, Talismão de Belleza.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL para os Cabellos.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

MEIO SEculo DE SUCESSO
O unico verdadeiro Alcool de Hortelã é o Alcool de Hortelã

DE RICQLÈS

Algumas gottas d'este alcool em um copo d'agua com assucar fazem uma bebida deliciosa, sadia, refrigerante e barata, matando instantaneamente a sede e saneando a agua.

Em dose maior é **INFALLIVEL** contra as **indigestões**, os atordoamentos, as dores de estomago, o enjão, as doenças dos nervos, as dores de cabeça, a dysenteria e a cholera.

Tambem é **EXCELLENTE** para os dentes, a bocca, e todos os cuidados do **toucador**.

É UM PRESERVATIVO contra as **EPIDEMIAS**.

55 recompensas entre ellas **16 diplomas de honra** e **15 medalhas de Ouro**.

NÃO COMPRAR AS IMITAÇÕES e Exija-se o nome **DE RICQLÈS**.



PAISAGEM DE INVERNO

De que maneira poderia occultar o corpo, occultar a morte, enganar os prussianos? Ouviu vozes ao longe, no grande silencio da neve. Desvairado, apanhou o capacete, enterrou-o na cabeça da victima, e agarrando-a pelos rins, levou-a, correndo, chegou junto do carro e atirou o corpo para cima do estrume. Quando

chegasse a casa, veria como havia de resolver o caso. Caminhava devagar, barafustando, sem descobrir nada. Sentia-se perdido. Entrou no pateo. Havia luz na trapeira, a criada ainda não se deitara; o velho fez logo recuar o carro até a borda da cova do estrume. Pensava que, despejando a carga, o corpo

deitado em cima cahiria dentro da cova; e inclinou o carro.

Como tinha previsto, o homem ficou sepultado debaixo do estrume. O Antão endireitou o monte de esterco com o forcado; depois enterrou este no chão, a pouca distancia. Chamou o criado, ordenou-lhe

que levasse os cavallos para a cocheira, e entrou no seu quarto.

Deitou-se, reflectindo sempre no que havia de fazer, mas não lhe occorria nenhuma ideia, e o terror augmentava-lhe na immobildade do leito. Ia ser fuzilado! Suava de medo: os dentes batiam-lhe uns nos outros; levantou-se, tiritando, não podendo já estar na cama.

Desceu á cosinha, pegou na garrafa de aguardente que estava no armario, e tornou a subir para o quarto. Bebeu dous grandes copos a seguir, lançando segunda embriaguez sobre a primeira, sem conseguir acalmar a angustia que sentia. Fizera uma bonita obra, na verdade!

Agora caminhava de um lado para outro, procurando ardis, explicações e malicias; e, de vez em quando, enxaguava a bocca com um trago de aguardente para se reanimar.

E não achava nada. Absolutamente nada.

Cerca de meia noite, o seu cão de guarda, uma especie de lobo a quem elle chamava «Devorante», poz-se a uivar de um modo assustador. O Santo Antão estremeceu até a medula dos ossos: e, cada vez que o animal recommençava o seu uivo lugubre e prolongado, um calafrio de terror percorria a epiderme do velho.

Deixara-se cair em cima de uma cadeira, com as pernas fatigadas, abatido, não podendo mais, esperando com anciedade que o «Devorante» continuasse o seu queixume, e agitado por todos os sobresaltos com que o terror nos faz vibrar os nervos.

O relógio, em baixo, deu cinco horas.

O cão não se calava. O homem sentia-se endoidecer. Levantou-se para ir soltar o cão, para deixar de ouvi-lo. Desceu, abriu a porta e avançou na meio da escuridão da noite.

A neve continuava a cair. Tudo estava branco. As construcções da herdade formavam grandes manchas negras. O homem aproximou-se do nicho. O cão puxava pela corrente. Soltou-o. O «Devorante», então, deu um pulo, e em seguida parou, com o pello erriçado, as patas estendidas, os dentes á mostra, de focinho voltado para o estrume.

O Santo Antão, tremendo dos pés á cabeça, balbuciou: «O que é que tens, grande sendeiro?» E deu alguns passos, investigando com o olhar a sombra, indecisa e triste, do pateo.

Então, viu um vulto, um vulto de homem sentado em cima do estrume!

Olhava para elle, immovel de horror, e palpitante. Mas, de repente, avistou o cabo do forcado enterrado no chão; puxou por elle; e, em um d'estes impetos de medo que tornam temerarios os mais cobardes, avançou, para vêr.

Era elle, o seu prussiano, que sahira enlameado de dentro da camada de esterco que o aquecera e rea-

nimara. Sentara-se machinalmente, e estava alli, debaixo da neve que o salpicava, coberto de porcas e de sangue, ainda aparvalhado pela embriaguez, aturdido com a pancada, debilitado pelo ferimento.

Avistou o Antão, e excessivamente embrutecido para se lembrar de alguma cousa, fez um movimento para se erguer. Mas o velho, assim que o conheceu, enforçeu-se novamente.

Gaguejava: «—Ah! porco! não morreste! Agora vaes denunciar-me!... Espera... Espera!»

E, atirando-se ao allemão, ergueu o forcado como se fosse uma lança, com todo o vigor dos seus dous braços, e enterrou-lhe os quatro bicos de ferro no peito, até ao cabo.

O soldado cahiu de costas soltando um grande suspiro de morto, enquanto o velho camponio, tirando a arma das feridas, tornava a cravar-lh'a no ventre, no estomago, na garganta, ferindo como doido, esburacando dos pés á cabeça aquelle corpo palpitante de onde o sangue sahia em borbotões.

Em seguida parou, offegando com a violencia do trabalho, aspirando o ar a grandes tragos, serenado pelo assassinio commettido.

Quando os gallos cantavam nas capoeiras e a manhã ia a romper, poz elle mãos á obra para enterrar o homem.

Fez uma cova do estrume, achou a terra, cavou mais, trabalhando desordenadamente, com um impeto de força e movimentos furiosos dos braços e de todo o corpo.

Quando a valla estava bastante profunda, empurrou para lá o cadaver, com o forcado, deitou-lhe terra em cima, acalçou-a durante muito tempo, collocou o estrume no seu lugar, e sorriu vendo a neve espessa que completava a sua obra e cobria os vestigios com um veu prateado.

Espetou o forcado no monte do estrume e voltou para casa. A garrafa ainda meia de aguardente ficara em cima de uma mesa. Elle esvasiou-a de um trago e adormeceu profundamente.

Accordou já sem sombras de embriaguez, com o espirito sereno e bem disposto, capaz de examinar o caso e de prevêr o que aconteceria.

Passada uma hora corria a aldeia toda pedindo noticias do seu soldado. Foi ter com os officiaes para saber, dizia elle, por que motivo lhe haviam tirado o seu homem.

A sua amizade com o prussiano era muito conhecida, por isso ninguem desconfiou d'elle: dirigiu, até, as investigações, affirmando que o soldado ia todas as noites para a pandega.

Um velho policia reformado, dono de uma estalagem n'uma aldeia proxima e que tinha uma filha bonita, foi preso e fuzilado.

GUY DE MAUPASSANT.

A Eschola dos Heroes

A patria recebera em cheio a bofetada
De um homem despeitado, estúpido, demente;
Travou-se entre as nações uma questão fremente:
Tinham de decidil-a a carabina e a espada.

A guerra, emfim, surgia horrenda e ensanguentada!
Marchavam batalhões ao rígido e estridente
Allegro dos clarins; e um joven, sorridente,
Na primeira columna erguia a fronte ousada.

Elle estava soberbo, esplendido—era um bravo,
Não commettera o crime em dar um braço escravo
Afim de defender seu paiz manchado.

Deixava, no entretanto, o coração e o lar:
—A mãe que tanto amava... e em fundo soluçar
A noiva contemplando as vestes do noivado!—

HORACIO GUTERREZ.

1887.

MOZAICO

E' muito mais facil governar-se um paiz do que
uma mulher.

THIERS.

Simular, nas mulheres, é fazer politica de coração.

Saudade, negra saudade
O coração me lacera
Reviver o meu passado
Ah! saudade, quem me dera!

— As mulheres... só se apaixonam pelos idiotas,
diz desdenhosamente um artista.

— Provavelmente falla por experiencia propria,
respondeu uma espirituosa actriz. Tem sido muito
amado, não é verdade?

MAL DE MER—SEA-SICKNESS—ENJÓO DO MAR

PRODIGIOS DE CURAS OBTIDAS

COM A

NECTANDRA AMARA -- REMEDIO PAULISTA

APPROVADA e AUTORIZADA a venda pela Inspectoria Geral de Hygiene com MARCA REGISTRADA na Junta Commercial e PREMIADA nas tres Exposições, em que concorreu, na preparatoria do Rio de Janeiro de 1888, na Universal de Paris de 1889 e na Columbiana de Chicago de 1893

São mais que sufficientes as seis cartas abaixo transcriptas, para justificar a grande efficacia deste extraordinario medicamento para aquelle terrivel incommodo

1ª — Je ne vous ai pas encore raconté que la *Nectandra Amara* a fait merveille, pendant mon voyage du Brésil ici; c'est merveilleux. A bord trois de mes compagnons (deux portugais et un argentin) que souffraient du mal de mer, au point de rester couchés tout le jour, et vomissaient tous les aliments qu'ils prenaient, furent guéris complètement en prenant seulement deux cuillères de *Nectandra Amara*. Les deux premiers furent si satisfaits du résultat et se montrèrent si désireux d'en avoir un flacon, que je fus obligé de leur offrir un de ceux que je gardais par précaution pour mon usage. Ils débarquèrent à Pernambuco et m'assurèrent qu'ils ne perdraient aucune occasion de recommander ce préservatif à leurs amis qui souffrent du mal de mer. Acceptez mes félicitations pour ce nouveau succès de votre produit. Le Havre, le 1er Avril 1891. — *L. B. de Miranda*.

2ª — A bordo dei a alguns amigos o Vinho de *Nectandra Amara*, que trouxe para meu uso, e a todos fez muito bem para o enjoo do mar, assim como também a mim. O Dr. Homero Ottoni, que vinha de passagem no vapor, applicou a alguns passageiros a *Tintura de Nectandra* e, pedindo eu a elle um attestado, deu-me com a maior gentileza, accrescentando que em Guaratinguetá, onde clinica, tem feito continuadas applicações para as molestias gastro-intestinaes coroadas de bom exito, como verá do attestado que junto. Outros passageiros ficaram de mandar-me attestados e quando recebel-os, enviarei ao amigo. Aymorés, 15 de Novembro de 1882. — *Augusto de Almeida Magalhães*.

3ª — Santos, 25 de Dezembro de 1894.

Agradecendo mais uma vez os dous vidros do vosso preparado *Tintura de Nectandra Amara*, que teve a gentileza de me offerecer, eu vou comunicar-vos os esplendidos resultados obtidos a bordo do *Aquitaine*, em minha ultima viagem ao Sul, com este efficaz medicamento, contra o terrivel enjoo do mar. A' hora do jantar, notando ausencia de alguns companheiros soube que elles se haviam recolhido aos beliches accommettidos de terriveis nauseas. Procurei-os então e mediquei-os com a — *Nectandra*. A' noite, na tolda, tive o prazer de vel-os todos bons a passear, completamente livres do terrivel enjoo.

Ainda mais: um meu companheiro de beliche, um oriental que vinha de regresso á Patria, contou-me que a bordo soffria horrivelmente não conseguindo nunca sahir do beliche e andar, taes eram as nauseas que o accommettiam quando pretendia levantar-se do leito. Pois bem, ainda neste passageiro a *Nectandra* conseguiu victoria, pois medicado por mim á tarde e á noite, conseguiu na manhã seguinte subir á tolda, onde, ao encontrar-me, agradeceu muito a medicação, pedindo-me o nome do vosso preparado para, ao saltar em Santos, compral-o. Eu, felizmente nada soffro a bordo, por isso não tive que recorrer ao vosso poderoso preparado, no entanto, como V. vê foi elle de toda efficacia desejada. Sou com estima e consideração vosso amigo e muito obrigado. — *Ernani Pinto*.

A carta supra corresponde a um attestado de grande valor, pois é firmada por um dos mais esperançosos alumnos da 5ª serie de nossa Faculdade de Medicina e interno do Hospital de Misericórdia.

4ª — Recife, bordo do *Alagoas*, 17 de Janeiro de 1895.

Amigo e Senhor. — Em boa hora lembrou-se V. S. de offerecer-me o excellente preparado *Tintura de Nectandra Amara*, porque, devido talvez o não viajar por mar ha muito tempo, passei muito indisposto e enjoiei, tomando então o remedio com efficaz resultado, motivo pelo qual reitero-lhe meus sinceros agradecimentos pela sua obsequiosa offerta. Junto tres attestados de pessoas ás quaes, como a mim, esse medicamento beneficiou. Fazendo desta o uso que lhe convier, subscrevo-me com muita estima. De V. S. amigo, criado e obrigado. — *Antonio Pinto de Moraes*.

5ª — Lisboa, 15 de Fevereiro de 1895. — Ilm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda. — Cumprindo um dever de lealdade, deo o dizer-lhe que os resultados obtidos com o uso da «*Tintura de Nectandra Amara*», que empreguei contra o enjoo em companheiros meus, foi muito além do que esperava: eu mesmo que viajo sempre indisposto, não sei se deves confessar o milagre de ter pela vez primeira uma viagem em tão boas condições e só posso attribuir ao uso do seu product; ainda me lembro da reluctancia com que aceitei suas amostras, porque quem perde vinte annos no commercio de drogas está quasi autorisado a descrever da efficacia dos medicamentos annunciados. Felizes negocios lhe deseje o seu criado attencioso. — *José Cesar de Mattos*. — Rua Augusta n. 265.

6ª — Amigo e Sr. Joaquim Bueno de Miranda. — Santo Thirso (Portugal), 16 de Março de 1895. — Amigo e senhor — Aqui cheguei no dia 13 de Fevereiro e tive feliz viagem. Só minha mulher é que passou pessimamente, teve alivio do grande enjoo tomando a tintura e pilulas de «*Nectandra Amara*», o que foi de grande verdadeiro amigo e criado. — *José J. Pereira Borges*.

N. B. — Os prospectos, que levam os frascos deste remedio, mostram que elle é também extraordinariamente efficaz para cura prompta e radical de todas as enfermidades do estomago e dos intestinos, que são fatíveis de apparecer durante as viagens, quer maritimas, quer terrestres; e, assim, todo o viajante que conhecel-o, não deixará nunca de leva-lo em suas viagens, como preventivo, que lhe póde ser de grande utilidade.

Modo de usar. — Deve tomar a dose indicada nos prospectos, na vespera de embarcar e ao ir para bordo e se assim mesmo enjoar, tomará sempre que lançar até passar as nauseas.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias, e no deposito do fabricante

RUA DES. PEDRO N. 72, 1º andar — RIO DE JANEIRO